

OS CONTORNOS DO TRABALHO: VIVÊNCIAS DE UM TATUADOR

Yohanna Breunig
Ana Carolina Simões Fruet
Karine Vanessa Perez

RESUMO

A tatuagem é uma prática que vem sendo realizada há milênios, sem que alguém tenha descoberto exatamente a sua origem. Esta prática tem sido desenvolvida em diferentes sociedades, perpassando rituais religiosos, simbologias de valorização do corpo, manifestação da individualidade ou mesmo como forma de rebeldia. A compreensão acerca da simbologia das tatuagens foi sendo modificada com o decorrer do tempo. Em dados momentos foi concebida como marca de marginalidade e estigmatização social, alcançando hoje um reconhecimento maior advindo da sociedade quanto à sua significação, tornando-se mais profissional. No que tange ao significado que a tatuagem representa para o sujeito, compreendemos sua importância pessoal no sentido de que esta é uma marca que lhe acompanhará pelo resto de sua vida, fazendo parte de sua identidade. Sendo assim, buscamos um profissional tatuador com o intuito de entender como desempenha o seu trabalho e como percebe a dinâmica de prazer e sofrimento decorrente deste, bem como a questão do reconhecimento e da centralidade do trabalho. Como procedimento metodológico utilizamos um estudo de caso, a partir de relatos do profissional, residente do município de Santa Cruz do Sul, obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada. Ressaltamos ainda como embasamento teórico e metodológico a Psicodinâmica do Trabalho, a qual possibilitou o nosso entendimento em torno de conceitos centrais, os quais permeiam as organizações de trabalho. Estas atravessam as relações estabelecidas, auxiliando na construção de subjetividades e identidades dos sujeitos. Sendo assim, salientamos três eixos norteadores para conduzir os resultados e as discussões, sendo eles: reconhecimento no trabalho; vivências de prazer e sofrimento no trabalho; e centralidade do trabalho. Para que o profissional perceba que seu fazer tem sentido e possa transformá-lo em prazer é muito importante que ele seja reconhecido pela sua atividade. Trata-se muito mais de um reconhecimento subjetivo, do que apenas uma recompensa material. Isto vai ao encontro da dinâmica de prazer e sofrimento, em que o sujeito se vê atravessado por diferentes questões em sua vivência profissional, tendo que encontrar soluções adequadas ao seu fazer, o que pode gerar os sentimentos acima referidos. Assim, percebemos a centralidade do trabalho na produção de subjetividades e satisfação do sujeito em sua dinâmica laboral, ressaltando a valorização como profissional e não apenas um fazer artístico. Por meio do trabalho o sujeito afirma sua participação social, sentindo-se pertencente à mesma.

Palavras-chave: Psicodinâmica do Trabalho. Reconhecimento. Prazer-sofrimento. Centralidade do Trabalho.

INTRODUÇÃO

A tatuagem é uma prática que vem sendo realizada há milênios, sem que alguém tenha descoberto exatamente a sua origem. Entretanto, esta prática tem sido desenvolvida em diferentes sociedades, perpassando rituais religiosos, simbologias de valorização do corpo, manifestação da individualidade ou mesmo como forma de rebeldia. (MENDES, 2015). No final do século XVIII houve uma grande associação desta prática a marinheiros,

prisioneiros, marginais e outros tipos socialmente desvalorizados, tornando o ofício de tatuador mal visto pela sociedade.

A prática da tatuagem no Ocidente tem passado por distintos contextos sociais. Inicialmente, como arte "exótica", foi introduzida pelos viajantes e pelos marinheiros do século XVIII que, seduzidos por esta arte corporal praticada por distintos povos aborígenes (especialmente os das ilhas do Pacífico), começaram a tatuar seus próprios corpos. Posteriormente, no século XIX e no início do século XX, setores marginais da sociedade, como presidiários, meretrizes e soldados, apropriaram-se da tatuagem, que alcançou especial importância nos ambientes dos cárceres, onde foi conhecida popularmente como a "flor do presídio". (PIERRAT, 2000; LE BRETON, 2002 *apud* PÉREZ, 2006).

A passagem por esse tipo de universo social fez com que a tatuagem começasse a ser identificada como marca de marginalidade, atuando em um duplo sentido: como meio e como estigma social. No ano de 1967, tribos urbanas, roqueiros, motoqueiros, *hippies* e, de maneira mais radical, os *punks* e os *skins* foram apropriando-se desse imaginário, adotando a tatuagem como uma marca corporal através da qual ostentavam publicamente sua vontade de romperem com as regras sociais e de situarem-se deliberadamente à margem da própria sociedade. (PIERRAT, 2000; LE BRETON, 2002 *apud* PÉREZ, 2006).

No Brasil, os avanços da tatuagem chegaram mais tarde, através dos estrangeiros, pois aqui havia uma maior dificuldade de acesso às novas técnicas. Assim, a tatuagem deixou de ser praticada à mão e passou a ser feita através de uma máquina elétrica. A partir disso, durante a década de 1970, viveu-se um período de experimentação, da passagem de "agulhas caseiras" à fabricação de máquinas elétricas. O local de trabalho era em pequenos lugares, como barbearias, galerias e principalmente dentro das próprias casas dos tatuadores. (MARQUES, 1997 *apud* PÉREZ, 2006).

Nessa época, a tatuagem era vista como um ofício artesanal, doméstico, onde somente amadores a praticavam. Foi só a partir dos anos 1990 que começaram a surgir os primeiros estúdios de tatuagem, em que havia uma preocupação com a higiene, passando-se a usar materiais descartáveis e, assim, o trabalho foi tornando-se mais profissional, apesar de ainda não ter uma boa aceitação da sociedade. (MARQUES, 1997 *apud* PÉREZ, 2006).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste artigo utilizamos como metodologia um estudo de caso, a partir de relatos de um profissional tatuador, residente do município de Santa Cruz do Sul, obtidos por meio de uma entrevista. Para dar início aos procedimentos de campo, contatamos o profissional através de um telefonema, questionando sobre a sua

disponibilidade e interesse em participar da entrevista, sendo nossa solicitação prontamente atendida. Com o intuito de preservar a sua identidade, optamos por nos referirmos a ele por meio do nome fictício João.

A entrevista ocorreu de forma semiestruturada, com perguntas e respostas que foram gravadas com auxílio de um celular, e posteriormente, fielmente transcritas. Estas eram direcionadas a um relato sobre o dia-a-dia do seu trabalho, em que questionamos sobre o início de sua carreira e questões relacionadas ao reconhecimento do seu fazer. Ademais, realizamos uma observação local acerca do trabalho desempenhado pelo profissional. Ressaltamos ainda como embasamento teórico e metodológico a Psicodinâmica do Trabalho (DEJOURS, 2004), a qual possibilitou o nosso entendimento em torno de conceitos centrais, os quais permeiam as organizações de trabalho. Estas atravessam as relações estabelecidas, auxiliando na construção de subjetividades e identidades dos sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de possibilitar uma melhor compreensão acerca dos resultados e das discussões obtidas com o estudo de caso, optamos por realizar uma contextualização inicial sobre o profissional tatuador entrevistado. Em seguida, salientamos três eixos norteadores, sendo eles: reconhecimento no trabalho; vivências de prazer e sofrimento no trabalho; e centralidade do trabalho.

Contextualização do tatuador entrevistado

Neste tópico apresentaremos uma breve explanação acerca da história de vida do trabalhador entrevistado, permeada por relatos enunciados pelo mesmo. Será descrito o início da trajetória profissional do tatuador e suas percepções acerca do que essa profissão acarreta à sua vida hoje.

O trabalhador refere que fez sua primeira tatuagem aos catorze anos, porém foi com idade entre quinze e dezesseis que começou a interessar-se por tatuar. Mas, inicialmente, não encarava esta atividade como um trabalho, pois acreditava que não desenhava bem.

Todavia, salienta que seu interesse maior pela atividade ocorreu principalmente pelo fato de compreender que a tatuagem representa algo que ficará marcado na pele dos indivíduos para o resto da vida. Nesse sentido, traz que jamais irá esquecer-se do tatuador que fez sua primeira tatuagem, apresentando um desejo de também ser lembrado pelas pessoas que um dia ele poderia vir a tatuar.

Lá pelos 70, 80 anos eu vou olhar pra minha perna e vou lembrar daquele cara, se ele vai tá morto ou se ele vai tá vivo eu não sei... e daí comecei a me intrigar assim e aí eu comecei a ir atrás, de ver como fazia, de como é e como se tornava tatuador.

Com dezesseis anos comprou o material e iniciou tatuando amigos e a si próprio, mas nesse momento realizava apenas desenhos com que se sentia confiante. Em um período de seis meses, após adquirir mais prática, tatuou uma borboleta em uma tia, a qual ele refere ter ficado bonita. Desse modo, este desenho serviu como propaganda e indicação do seu trabalho.

Destarte, após divulgação desse trabalho, recebeu um convite para tatuar em um salão de beleza, no qual trabalhou durante um período de três meses, somente nos finais de semana, visto que durante a semana trabalhava formalmente em um supermercado. Essa experiência foi o ponto de partida para o tatuador compreender que gostaria de trabalhar nessa área, ou seja, dedicar-se, em tempo integral, somente ao trabalho com tatuagens.

[...] isso foi um bom tempo, assim, uns três meses direto e lá eu peguei bastante prática assim e tal e comecei a perceber que eu queria ganhar dinheiro com aquilo, né, começar a viver daquilo.

Portanto, com a decisão tomada, saiu de seu antigo emprego e com o valor recebido em dinheiro, investiu em equipamentos melhores. Inicialmente, tatuava em sua casa ou na casa dos clientes, entretanto, com dezoito anos fora convidado para trabalhar em um estúdio com um amigo, permanecendo lá por dois anos.

O trabalhador refere que esse período lhe proporcionou muita experiência, bem como melhora no relacionamento interpessoal, tornando-se uma pessoa menos tímida. Assim, após esses dois anos, entendeu que era a hora de abrir um estúdio próprio, porém essa experiência não foi considerada produtiva para o mesmo, visto que o trabalho se tornou mais solitário, pois inviabilizava maiores trocas de experiência com outros trabalhadores da área.

[...] abri meu próprio estúdio assim e daí eu vi que não era muito o que eu queria, não tinha essa troca de artista pra artista, era muito só assim, não tinha muita graça. Daí a gente tá sempre [...] um empresta material pro outro...

À vista disso, por meio do convite de um amigo, que inicialmente era proprietário do local, começou a trabalhar no estúdio em que se encontra neste momento. Hoje é autônomo e seu salário é de acordo com cada tatuagem efetuada. As despesas de aluguel e manutenção do local são divididas entre os demais trabalhadores.

Dessa forma, afirma que é possível manter-se e ter uma qualidade de vida com o trabalho que realiza, bem como com o salário adquirido. Relata que atualmente faz, em média, três tatuagens por dia, sendo que quando é uma tatuagem maior, opta por realizá-la em várias sessões. Essa delimitação se dá tanto devido ao tempo decorrido em executar a tatuagem em si, de forma efetiva, quanto por conta de todo o processo que envolve a criação de cada desenho.

Nessa linha, após uma análise detalhada da entrevista com o tatuador, somada a uma revisão bibliográfica acerca dos principais conceitos que envolvem os processos de trabalho, identificamos que a teoria da Psicodinâmica do Trabalho poderia nos oferecer um maior respaldo para tecer nossas discussões. Isto posto, a partir do relato do trabalhador pudemos elencar três eixos de discussão, a saber: sobre o reconhecimento no trabalho; sobre as vivências de prazer e sofrimento no trabalho e; sobre a centralidade do trabalho. Destarte, utilizando estes três marcadores conceituais, pretendemos, a seguir, discorrer sobre os conceitos e as possíveis interlocuções entre teoria e prática.

Sobre o reconhecimento no trabalho

Exercer uma profissão demanda muito esforço e dedicação dos trabalhadores, sendo que alguns desempenham funções mais práticas, outros mais subjetivas, mas todos são afetados e afetam, de alguma forma, a organização do trabalho. Ademais, é no local de trabalho que o sujeito passa grande parte de sua semana e, portanto, estabelece relações e constitui ou transforma sua identidade. Para que o profissional perceba que seu fazer tem sentido e possa transformá-lo em prazer é muito importante que ele seja reconhecido pela sua atividade.

O reconhecimento no trabalho é “apontado como nuclear em processos de construção identitária e de saúde e prazer no trabalho” (BENDASSOLLI, 2012, p. 38), interferindo diretamente na motivação do trabalhador, bem como na percepção de que sua atividade está sendo valorizada. Este pode ser compreendido através de duas vertentes teóricas: a Psicodinâmica do Trabalho, que entende que o reconhecimento se dá pelo outro, e a Clínica da Atividade, que compreende que o sujeito reconhece a si mesmo na atividade. Entretanto, optamos por explorar apenas a teoria da Psicodinâmica do Trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho considera que o reconhecimento do trabalho ocorre por meio dos outros, ou seja, através dos chefes, colegas e até mesmo pelos clientes. Desse modo, o sujeito percebe que sua tarefa é importante, dando sentido ao seu empenho e às energias utilizadas para fazer o melhor possível. Isso serve de motivação para que o profissional continue se dedicando e tenha prazer em realizar sua atividade.

Dejours (1999) referiu-se ao reconhecimento como um processo simbólico de retribuição do trabalho realizado pelo outro, demonstrando que este vai muito além do salário recebido no final do mês. Trata-se muito mais de um reconhecimento subjetivo, em que as pessoas conseguem perceber o trabalho realizado com competência pelo profissional, elogiando-o, parabenizando-o, enfim, demonstrando sua satisfação e reconhecimento pela tarefa que aquele sujeito executou.

Pensando no reconhecimento através do olhar do outro como aspecto central para a saúde do trabalhador, Freitas e Facas (2013) descrevem que o reconhecimento ocorre em dois níveis. O primeiro refere-se à beleza do trabalho, enunciada pelos pares, enquanto o segundo diz respeito ao julgamento da utilidade do trabalho, pronunciado pelos chefes, gerentes e clientes.

Tendo como base o aporte teórico acima descrito, podemos nos remeter à entrevista realizada com o tatuador, aqui identificado como João (nome fictício). Este profissional nos relatou que no estúdio em que trabalha não há exatamente uma hierarquia, como em trabalhos formais, onde se pode encontrar um chefe e um funcionário. Ali são todos colegas e, por isso, ele refere que o reconhecimento vem principalmente por parte dos clientes.

Não é que nem assim um serviço normal, tu [...] trabalha numa metalúrgica e minha meta é fazer 100 cadeiras, 100 cadeiras boas... na tatuagem isso aí é uma coisa muito mais pessoal, de tu querer ser melhor que tu mesmo [...] E automaticamente a pessoa vê isso, né, na rede social, tudo isso... elogiando[...] e depois conforme tu vai ganhando um pouco de nome, né, as pessoas vão te conhecendo mais... o amigo do amigo indica, assim, começa a procurar.

Através desta fala, ele demonstra que ele não tem metas exigidas por um suposto chefe, que iria reconhecê-lo a partir da sua capacidade de fazer o trabalho bem feito, mas que ele mesmo exige cada vez mais de si mesmo, buscando sempre melhorar, o que acaba por refletir no trabalho bem executado, que será valorizado pelos clientes.

[...] isso aí, querendo ou não, meio que infla o ego ali e vê que a gente tá fazendo certo e às vezes até discernir dizendo que um desenho não vai ficar legal. E é isso que vai fazendo a diferença na evolução do trabalho... trabalha com o que tu gosta ali, tu vai indo com mais facilidade, tranquilo.

João também nos mostrou o quanto o reconhecimento pelos outros é importante para que ele tenha motivação para continuar seu trabalho, percebendo que este é importante e possui sentido, principalmente quando refere o seguinte:

[...] por ser uma coisa né, que fica pro resto da vida, né, então imagina (risos). Aí tô fazendo um desenho errado assim...

Ou seja, João compreende que seu trabalho, além de ter valor para si, tem grande significado para a pessoa que busca o serviço. Isso exige que ele se aperfeiçoe sempre mais, para que possa deixar o cliente contente com o seu trabalho artístico, gerando satisfação e reconhecimento. Entretanto, ele também nos relatou um episódio em que é possível perceber certa falta de reconhecimento da profissão do tatuador como um todo.

*Uma vez veio uma moça ali, ela fez uma tatuagem pequena e ela queria cobrir uma outra que ela tinha antigamente e daí [...] eu fiz umas rosas [...] e daí: “tá, mas é um precinho camarada pra mim, né”. Tipo, eu nem tatuei... uma vez só, ela nem é minha amiga [...] daí ela falou: “ah, vai ser só preto”. Daí eu: “putz, e o meu trabalho?” (risos). Que m*** é essa? Isso aí que deixa a gente meio de cara assim. Eu peguei e disse pra ela: “tinta preta vai me dar o mesmo trabalho”. Assim, só porque é preto que é simples? [...] O cara tem que sempre ser sincero e não ser grosseiro, senão, né...até porque deixa mais estressado.*

Nesses casos, como ele mesmo disse, é preciso manter a calma e encontrar saídas para conseguir demonstrar o valor do seu trabalho ao cliente, visto que ele não paga apenas pelo material utilizado, mas principalmente por todo o trabalho que envolve produzir um desenho no papel e reproduzi-lo na pele. Por outro lado, João descreve o reconhecimento dos colegas quando, ao contar sua trajetória, além de enunciar o reconhecimento das pessoas pelo seu trabalho, também referiu o prestígio de outros tatuadores, que o convidaram para trabalharem juntos.

Daí eu fazia num amigo, aí o amigo do amigo via, queria fazer também né [...] depois que eu fiz numa tia minha [...] e foi o mesmo caso assim dela mostrar e da galera ver. E aí entrou uma mulher em contato num salão lá, perguntando se eu não queria [...] e aí eu comecei a ir [...] nos finais de semana [...] e lá eu peguei bastante prática [...] e depois eu conheci um cara num estúdio que me convidou pra eu tatuar lá [...] e lá eu fiquei dois anos [...] e depois saí [...] e aí papo vai, papo vem, e aí ele: “bah, seria legal se tu tatuasse aqui”, aí eu disse: “bah cara, por mim eu fecho meu estúdio lá e bora né, não vou perder nada”.

Nesse trecho, João demonstra o reconhecimento de diferentes pessoas, que gostaram do seu trabalho a ponto de quererem que ele trabalhasse junto com eles. Além disso, podemos perceber a importância que ele confere à troca entre colegas, em que podem complementar as ideias uns dos outros, ao mesmo tempo em que um vai reconhecendo o trabalho do outro.

Por fim, é possível constatar que, atualmente, João passou a ser o profissional tatuador que recebe o reconhecimento dos clientes, visto que antes era ele quem valorizava o trabalho de outros profissionais de sua área. Salientamos a importância que João deu à pessoa que fez a sua primeira tatuagem, sendo esse um dos motivos que o levou a querer seguir a profissão.

Comecei a me interessar mais pelo lance de ficar para o resto da vida né [...] porque o cara fez a minha primeira tatuagem [...] eu vou lembrar desse cara pro resto da vida.

Constatamos que a questão do reconhecimento esteve muito presente na fala do João durante a entrevista, em que ele conseguiu perceber que o olhar do outro influencia e

faz diferença no seu trabalho. Isto serve de estímulo para que ele realize a produção de novas tatuagens.

Sobre as vivências de prazer e sofrimento no trabalho

Compreendendo que a dinâmica do reconhecimento está totalmente atrelada às vivências de prazer e sofrimento no ambiente de trabalho, neste segundo eixo de análise buscamos discorrer acerca de como se dão essas vivências junto ao trabalhador entrevistado. Para tanto, inicialmente teceremos algumas conceitualizações teóricas sobre esses conceitos e, logo após, serão apresentadas as possíveis interlocuções entre a teoria e a prática com base na entrevista realizada.

A Psicodinâmica do Trabalho compreende o trabalho como de suma importância para a constituição do sujeito, visto que este compõe um dos fatores centrais para os processos de subjetivação. Nesse sentido, tem como premissa identificar como ocorrem os processos de organização do mesmo, para então entender como se dão e qual a influência destes, tanto nos modos de subjetivação dos sujeitos, quanto nas vivências de prazer/sofrimento e saúde/adoecimento. (BENDASSOLI; SOBOL, 2011).

O contexto de trabalho, segundo Dejours (1993), torna-se produtor de sofrimento devido aos conflitos existentes no confronto entre os desejos do sujeito e os modos de gestão do trabalho. O autor caracteriza esse sofrimento como sendo inerente ao ambiente de trabalho, cabendo ao sujeito encontrar defesas, geralmente construídas pelo coletivo, para lidar com o mesmo e, desse modo, transformá-lo em prazer.

Para Dejours (1999), o sofrimento em decorrência do trabalho pode ser criativo ou patogênico. Sendo assim, o primeiro ocorre quando o sujeito se mobiliza na transformação deste em algo que possa ser benéfico para si. Esse processo se dá principalmente quando o indivíduo encontra espaço e liberdade no ambiente de trabalho para negociar seus desejos e as imposições da organização.

Em contrapartida, o sofrimento tornar-se-á patogênico quando não houver esse espaço de liberdade dentro da organização. Dessa forma, o indivíduo não consegue mobilizar recursos emocionais que o possibilitem encontrar um meio de descarga pulsional. (BUENO; MACÊDO, 2012).

Destarte, torna-se relevante ressaltar que o sofrimento não se tornará patogênico justamente por conta das defesas empregadas pelo sujeito como forma de controle, sendo essas coletivas ou individuais. Apesar de ambas buscarem encontrar meios de conjurar o sofrimento, segundo Bueno e Macêdo (2012, p. 314), as estratégias coletivas diferem dos mecanismos individuais principalmente “por não serem interiorizadas e persistirem a partir da presença de uma situação externa”.

Essa composição entre o sofrimento e a “luta” individual e/ou coletiva contra este, seria o que Dejours (1999) denomina de normalidade. No entanto, vale salientar que essa normalidade não pressupõe a ausência de sofrimento, ou seja, “a normalidade não é o efeito passivo de um condicionamento social, de algum conformismo ou de uma ‘normalização’ obtida pela interiorização da dominação social” (DEJOURS, 1999, p. 36). Esta seria, portanto, resultado do enfrentamento contra a desestabilização psíquica decorrente das pressões do trabalho.

À vista disso, com base nas reflexões teóricas suscitadas até o momento, podemos tecer algumas articulações entre estas e a entrevista realizada com o tatuador João. Desse modo, tendo em vista que o trabalho desempenhado por João é considerado por este como autônomo, identificamos que apesar de não haver uma cobrança hierárquica, há a presença de uma exigência do próprio trabalhador para consigo mesmo.

[...] isso é uma pressão da cabeça da gente, detalhe, tem que ficar bom, ficar legal. Tanto que eu levo desenhos [...] pra casa pra fazer de noite. Trabalho até de noite no estúdio, tenho tatuado dois dias aqui e levo aquele desenho pra casa e faço 500 vezes o mesmo desenho até ter segurança que vai ficar legal. É uma coisa muito pessoal.

Através dessa passagem é possível perceber o quanto o trabalho desempenhado por João exige dedicação. No entanto, notamos que a auto cobrança do trabalhador faz com que esse se dedique além de sua carga horária de trabalho, visto que o mesmo acaba por estender suas atividades até sua casa, com intuito de buscar maior perfeição na realização de sua tarefa.

Percebemos que a exigência na busca pela excelência, somada à jornada de trabalho que, segundo João, nem sempre é definida, poderiam ser fatores geradores de sofrimento e desgaste psíquico ao trabalhador. No entanto, na fala seguinte este traz o quanto o trabalho que desempenha, apesar dessas peculiaridades, é algo que lhe proporciona grande prazer.

[...] a gente não tem hora certa [...] como a gente trabalha com hora marcada [...] a galera que trabalha durante a semana a gente marca mais tarde, de noite, assim. Então a gente fica até tarde. Mas por ser uma coisa que a gente gosta, assim, não chega a interferir nada. É sempre um prazer estar aqui. No dia-a-dia é bem legal, pessoas diferentes, histórias diferentes, porque se o serviço é muito monótono, o cara não fica. Então como é sempre diferente, sempre tem amizades em tudo que é canto, é bem bacana.

Nesse sentido, retomando o que foi trazido anteriormente sobre o trabalho como sendo sempre fonte de prazer e sofrimento associados, podemos aferir que João mobiliza recursos para transformar o que seria gerador de sofrimento em um processo de

criatividade. Desse modo, de acordo com Mendes (2007) apud Castro (2013, p. 14), quando isso se torna possível “ele traz uma contribuição que beneficia a identidade, aumenta a resistência do sujeito ao risco de desestabilização psíquica e somática e funciona como um promotor de saúde”. Isso pode ser percebido na fala abaixo:

[...] pra mim é bem legal assim, que não me interfere muito... tô desenhando, então tô de boa, geralmente eu chego em casa, tomo um café, como uma coisa, daí ligo a TV lá, sento na cama, vem os gatos tudo por cima, fico desenhando, e aí eu brinco com os meus gatos e conversando bem de boa assim.

Ademais, também podemos salientar que isso pode se dar por conta dos modos de organização do trabalho. A flexibilidade existente no trabalho do tatuador permite que este encontre espaço para explorar sua criatividade. Isso vai ao encontro do que afirma Dejours (1993), ao referir que quando é possibilitado ao sujeito acrescentar algo de si, de sua subjetividade no que seria prescrito pela organização, buscando um equilíbrio entre o que seria o trabalho prescrito e o trabalho real, o sofrimento que é inerente a esse contexto, transforma-se em sofrimento criativo.

É espontâneo, não é algo pressionado assim né.

Desse modo, como se percebe no trecho acima, o tatuador não compreende as exigências do trabalho autônomo como algo que lhe cause sofrimento. Pelo contrário, é possível identificarmos que devido ao modo com que seu trabalho se tornou fator constituinte de sua subjetividade, ele concebe essas questões como sendo algo prazeroso em sua vida como um todo.

Sobre a centralidade do trabalho

O mundo do trabalho passou por diversas modificações nas últimas décadas. Nessa discussão, Lessa (1997) irá dizer que talvez o aspecto essencial dessas transformações no mundo do trabalho é denominado de reestruturação produtiva, ou seja, a destruição em larga escala da força de trabalho. Com isso, o mesmo autor possibilita a seguinte reflexão:

Então, as transformações do próprio processo de trabalho, sua crescente diferenciação interna, o crescimento do setor dos serviços, aliado ao fato de a informatização e o desenvolvimento das comunicações possibilitarem à parcela das atividades profissionais se desenvolverem na própria residência — tudo isso não poderia estar apontando para uma nova era, qualitativamente distinta, da relação dos homens com o trabalho? (LESSA, 1997, p. 155).

Cabe ressaltar que essa reestruturação do capitalismo, empreendida desde os anos 1970 entre as sociedades avançadas, ocorre durante o processo de globalização, o qual induz a mudanças qualitativas nos planos produtivos (novas tecnologias e novos padrões de organização do trabalho) e político-ideológico (predominância da ideologia neoliberal, o qual coloca o mercado como instância reguladora da vida em sociedade). Diante desse contexto, surgem teorizações que embasam tanto o fim do trabalho, quanto a ênfase na centralidade do trabalho. (TONI, 2003).

A fim de que a centralidade do trabalho seja aqui discutida, vale ressaltar a sua definição que, segundo Bastos *et al.* (1995, p. 23), é compreendida como “o grau de importância geral que o trabalho possui na vida de um indivíduo em determinado momento”. Conforme Marx (1975), podemos compreender a centralidade do trabalho a partir de um sentido ontológico. Augusto (1998) complementa que, a partir dessa perspectiva, o trabalho é afirmado como o limite do ser humano, assim como ressalta a centralidade do trabalho no sentido de ser a atividade na qual o homem se define como um ser social.

A centralidade do trabalho a partir da perspectiva ontológica implica na dualidade entre o trabalho como “positivo” e “negativo”, ou seja, segundo Augusto (1998), o trabalho ao ser visto como positivo, caracteriza a afirmação do homem como um ser livre e consciente, ser que transforma tanto a sua própria natureza quanto a externa. Em relação à perspectiva negativa do trabalho, ressaltamos o sentido de que estabelece um limite à liberdade e consciência do homem, afirmando assim, as suas necessidades externas.

Conforme Augusto (1998), a partir do desenvolvimento das forças produtivas, o capital coloca a possibilidade da superação da centralidade do trabalho. Porém, dentro da perspectiva marxista, essa superação ocorre apenas com a superação da sociedade capitalista. Desta forma, a generalização da relação de assalariamento reafirma a centralidade do trabalho, apresenta-se assim, a contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção.

Em relação à concepção da centralidade do trabalho do ponto de vista ontológico, Lessa (1997) também irá dizer que o trabalho se apresenta como categoria fundante do mundo dos homens. Sendo assim, o salto ontológico caracteriza a retirada da existência humana das determinações meramente biológicas. Assim, o reconhecimento do caráter ontológico-fundante do trabalho para o ser social está na base da proposta marxista de superação do trabalho abstrato por uma sociedade de produtores livremente associados.

É relevante que há diversos autores que embasam teorias para o fim da centralidade do trabalho. Porém, Maar (2006) afirma que o sentido desta temática está em sua relação com a sociedade. Nessa discussão, cabe ressaltar que a sociedade do trabalho, conforme este autor, é determinada a partir da sua base econômica sob a perspectiva da acumulação

do capital. É também determinante, seja dos indivíduos que trabalham na sociedade, seja das suas relações sociais, como também das suas relações com a natureza.

Ressaltamos que, segundo Maar (2006), o sentido humanístico, emancipatório da centralidade do trabalho não é efetivado dentro de uma sociedade do trabalho e, sim, em uma sociedade pela perspectiva do trabalho. Nesse sentido, o trabalho social não se vincula às alienações nas relações entre os indivíduos, nem às alienações nas suas relações com a natureza. Desta forma, a centralidade do trabalho remete-se a uma crítica às formas sociais determinadas na sociedade vigente.

A partir dos apontamentos teóricos com base na questão da centralidade do trabalho, podemos aferir algumas correlações com a entrevista realizada com o profissional João. Primeiramente, é relevante delinear o quão central é o trabalho na vida desse tatuador, uma vez que o mesmo refere ultrapassar a sua carga horária de trabalho diariamente e ainda prosseguir com o trabalho em seu ambiente domiciliar.

Vale ressaltar, em relação à afirmação citada no texto, que a generalização da relação de assalariamento reafirma a centralidade do trabalho, correlacionando-se com a entrevista, uma vez que, a partir de sua posição profissional autônoma, o trabalhador desenvolve auto cobranças. Estas são confirmadas a partir de relatos com relação a refazer inúmeras vezes os desenhos das tatuagens a fim de chegar à perfeição, além do fato de que precisa conseguir clientes para obter um salário, questão presente na fala:

[...] É, não sou dono do estúdio, mas também não sou funcionário, porque eu trabalho por conta, eu pago uma porcentagem pelo estúdio pro dono manter o aluguel da sala e uma porcentagem fica comigo assim, né. [...] mas também eu não sou funcionário que ganha do estúdio e sim por tabela do que eu faço. Divulgação é cada um por si assim.

Concluimos que a temática da centralidade do trabalho apresenta-se a partir de uma dupla dialética, ou seja, segundo Maar (2006), concomitantemente apresenta uma posição central para o trabalho da sociedade vigente e em seu dinamismo social. E por outro lado, é crítica em relação à mesma e negativa quanto à sua tendência evolutiva, a qual é caracterizada pela dominância do processo de acumulação do capital e alienação dos indivíduos do próprio processo de reprodução material de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das devidas transformações ocorridas no mundo do trabalho e com o desenvolvimento de teorias, a exemplo da Psicodinâmica do Trabalho, a qual embasou teoricamente este artigo, podemos compreender as circunstâncias e as interlocuções existentes na relação entre o sujeito e o trabalho. Utilizando-se da metodologia de uma entrevista semiestruturada e observação local, questões circunscritas àquela relação foram

salientadas e aprofundadas teoricamente, sendo correlacionados com os comentários verbais enunciados pelo entrevistado.

A partir da produção deste artigo, pudemos perceber a importância do trabalho tanto a nível pessoal, quanto socioeconômico, revelando a centralidade deste para a produção de subjetividade e satisfação do sujeito, advinda de seu fazer. Da mesma forma, notamos o quão presente se faz a dinâmica de prazer e sofrimento decorrentes do trabalho, percebendo a relevância do reconhecimento do outro para que o trabalhador ressignifique a sua atuação, transformando o sofrimento em prazer.

Portanto, concluímos que a percepção acerca do trabalho remete a questões negativas e positivas na vivência do sujeito em seu ambiente laboral, conforme enunciado nos relatos do profissional tatuador, transcritos neste artigo, relacionado com os conceitos norteadores acima mencionados. Por meio do trabalho o sujeito afirma sua participação social, sentindo pertencente à mesma. Sendo assim, este artigo pode contribuir para a construção de subsídios aos profissionais, proporcionando conhecimento e discussões sobre fatores centrais à saúde mental dos trabalhadores de um modo geral.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, André. O fim da centralidade do trabalho? *Pesquisa & Debate*, 1998. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rpe/article/viewFile/11763/8484>>. Acesso em: nov. 2016.

BASTOS, A; PINHO, A; COSTA, C. Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. *Rev. de Administração de Empresas*, São Paulo, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n6/a04v35n6.pdf>>. Acesso em: nov. 2016.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. Reconhecimento no trabalho: perspectivas e questões contemporâneas, *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 1, p. 37-46, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n1/v17n1a04.pdf>>. Acesso em: nov. de 2016.

BENDASSOLI, P. F.; SOBOL, L. A. P. Introdução às Clínicas do Trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In: _____. (Orgs.). *Clínicas do Trabalho: Novas Perspectivas para Compreensão do Trabalho na Atualidade*. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2011.

BUENO, M.; MACÊDO K. B. A Clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras. *ECOS: Estudos contemporâneos da subjetividade*, Rio de Janeiro v. 2, n. 2, p. 306-318, 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/1010/723>>. Acesso em: nov. 2016.

CASTRO, Débora K. *Prazer e sofrimento no trabalho: estudo com um grupo de corretores de imóveis*. 2013. 38 f. Monografia (Graduação) – Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Distrito Federal, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/5471/1/Deborah%20K%C3%AAnia%20de%20Castro.pdf>>. Acesso em: nov. 2016.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

DEJOURS, Christophe. *A Banalização da Injustiça Social*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. A metodologia em psicopatologia do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. (Orgs.). *Christophe Dejours: da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

FREITAS, L. G.; FACAS, E. P. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. *Estudos e pesquisas em psicologia*, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 7-26, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-23112013000200010>. Acesso em: out. 2016.

LESSA, Sergio. Centralidade do trabalho: qual centralidade?. *Rev. de Ciências Humanas*, Florianópolis, 1997. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/23513/21179>>. Acesso em: nov. 2016.

MAAR, Wolfgang Leo. A dialética da centralidade do trabalho. *Ciência e cultura*, 2006. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n4/a14v58n4.pdf>>. Acesso em: nov. 2016.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1975.

MENDES, Jeane P. G. S. As transformações no campo da tatuagem e seus reflexos para a ocupação de tatuador(a). In: IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2015, Goiânia. *Anais GT 12: o trabalho e suas novas formas: organização, mobilização e controle*, UFG, Goiânia, 2015, s. p. Disponível em: <<https://sicsufg.files.wordpress.com/2015/12/mendes-jeane-pereira-gomes-da-silva-a-transformac3a7c3b5es-no-campo-da-tatuagem-e-seus-reflexos-para-ocupac3a7c3a3o-de-tatuador-a.pdf>>. Acesso em: nov. 2016.

PÉREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 179-206, Abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: nov. 2016.

SILVA R. V. S.; DEUSDEDIT-JÚNIOR M.; BATISTA M. A. A relação entre reconhecimento, trabalho e saúde sob o olhar da Psicodinâmica do Trabalho e da Clínica da Atividade: debates em psicologia do trabalho, *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, Minas Gerais, v. 8, n. 2, p. 415-427, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:EnNaUbYIWpAJ:www.fafich.ufmg.br/gerais/index.php/gerais/article/download/589/396+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: nov. 2016.

TONI, Miriam. Visões sobre o trabalho em transformação. *Sociologias*, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n9/n9a09.pdf>>. Acesso em: nov. 2016.